

No Brasil, as mulheres constituem pouco mais que 6% da população carcerária total. No entanto, a taxa de encarceramento feminino cresceu 135,37% entre 2000 e 2006. O crescimento desta população é um fenômeno recente e aponta para a necessidade de estudos que considerem a perspectiva de gênero no ambiente prisional, garantindo que não haja a invisibilização das necessidades e direitos das mulheres presas. O objetivo da pesquisa foi investigar a existência do ciclo de violência na vida das mulheres encarceradas na Ala Feminina do Presídio Santa Augusta em Criciúma-SC, tendo como participantes trinta e cinco mulheres. Como estratégias metodológicas foram aplicados questionários estruturados, entrevistadas pautadas no método história de vida, além de observação sistemática e diário de campo. Os resultados apontam que 71,5% das mulheres entrevistadas sofreram alguma forma de violência durante a infância/adolescência e 80% delas sofreu violência praticada pelos companheiros e a grande maioria, 91%, vivenciou a violência em ambas etapas de vida. Em relação à violência conjugal, a forma mais recorrente foi a psicológica (86%), seguida pela física (57%) e pela sexual (36%), sendo que 61% das mulheres admitiram ter reagido às violências sofridas. Na pesquisa também foram ouvidos relatos de violência policial (37%) e dentro do estabelecimento prisional (29%), este último cometido em maioria por agentes prisionais. Os resultados alcançados apontam a necessidade de políticas públicas eficazes para enfrentar e prevenir a violência de gênero, especialmente para as mulheres encarceradas, tendo em vista a conclusão da existência do histórico de violência sofridas e perpetradas.